

RELAÇÕES DE GÊNERO NOS CURSOS DE HISTÓRIA E PEDAGOGIA: CULTURA VISUAL, FORMAÇÃO DOCENTE, CURRÍCULO E EDUCAÇÃO

Anderson Ferrari
FACED-PPGE/UFJF

RESUMO

Este artigo é resultado de uma pesquisa interessada em analisar a formação docente dos alunos dos cursos de História e Pedagogia da UFJF, no que diz respeito ao trabalho com as imagens e como essa relação entre cultura visual, relações de gênero e sexualidade afeta o currículo e a ação nas escolas. Para isso foi construído um questionário qualitativo que buscava perceber essas relações que dizem da formação antes da entrada na graduação e depois dela. Para este artigo, selecionamos duas questões que foram respondidas por 50 alunos do curso de História: “Em algum momento os seus professores de História dos Ensinos Fundamental e Médio vincularam o trabalho da História com as relações de gênero e sexualidade? Em que momento?” e “Em algum momento os seus professores de História da graduação vincularam o trabalho da História com as relações de gênero e sexualidade? Em que momento?”. A partir da perspectiva foucaultiana, estamos considerando que somos seres discursivos, de maneira que as nossas palavras nos constituem. Neste sentido, a formação não diz apenas do futuro professor de História, mas também revela o investimento num tipo de sujeito.

Palavras-chave: Cultura Visual; Formação Docente; Currículo; Educação.

INTRODUÇÃO

Este texto é fruto de uma pesquisa realizada desde 2014, buscando problematizar a formação docente dos alunos e alunas dos cursos de Pedagogia e História, sobretudo no que diz respeito a relação entre cultura visual, formação docente, currículo e Educação.

Numa pesquisa realizada anteriormente com adolescentes de quatro escolas em Juiz de Fora, um dado se destacou: a presença constante de artefatos que são utilizados no cotidiano escolar para produção de imagens, tais como o computador e

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de
Teoria e Prática
da Educação



Patrocínio:



PlayBook



o celular. Ao mesmo tempo em que diziam produzir cotidianamente imagens de si e do grupo de amigos como uma maneira de produzir-se a si mesmos, também revelavam um desprendimento imediato de tais produções, ou seja, muitas destas imagens eram apagadas no momento subsequente para dar lugar a outras, num jogo entre memória e esquecimento que dizia do movimento de constituição dos sujeitos no contexto atual. Tomando este dado como importante para entender nossas relações com a sociedade imagética, quero considera-lo como algo que impacta o campo da Educação, sobretudo a discussão de currículo e formação docente, visto que diz da nossa relação com “aquilo” que chamamos de “realidade”. São processos que estão ocorrendo em meio à relação de ensino-aprendizagem, escolhas de temáticas, vinculação professores/professoras/alunos/alunas, que em última análise dizem do interesse pela Escola, mesmo que, primordialmente, como espaço de socialização. Mais do que isso, eles e elas nos diziam da produção de imagens na sala de aula e em outros espaços de circulação nas escolas, sem que os professores e professoras dessem conta e mesmo percebessem essa vinculação. Por sua vez, os e as adolescentes pesquisados e pesquisadas não reconheciam qualquer atividade com as imagens realizada pelas escolas, com exceção da escola pública federal que constava no seu currículo de Artes um trabalho com cinema.

Desta forma, a pesquisa colocava um desafio para as escolas (e para os e as professoras) que passa pela formação docente e o currículo, entendendo que a sociedade imagética nos impõe um trabalho com a cultura visual como um campo de saber que diz dos sujeitos. Trabalhando na graduação, tanto na Licenciatura de História quanto na Pedagogia, estas questões da pesquisa me invocam a pensar a articulação entre os estudantes e as estudantes de graduação em História e Pedagogia, a formação docente e o currículo nas suas diferentes relações com as imagens e o saber, sejam elas voltadas para o conhecimento científico ou aquelas que estão direcionadas a leitura, elaboração, entendimento e relação com as imagens. Por tudo isso, estou interessado em problematizar as apropriações dos alunos e das alunas das Licenciaturas de História e da Pedagogia da UFJF em torno

Realização:



Apoio:

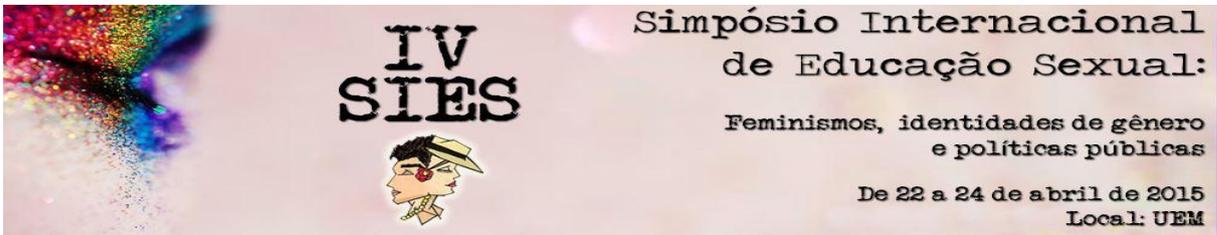


DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:





do trabalho com as imagens. Que desafios e potencialidades identificam para o trabalho com as imagens?

Na busca por possibilidades de respostas a esta questão, a ideia é colocar sob suspeita as suas constituições como sujeitos, que antecede a entrada na UFJF, para questionar como vão se tornando professores e professoras. Processos de constituição que atravessam e são atravessados por outras formas de estar no mundo, trazendo desdobramentos para pensar posições de sujeito em meio a realidade tecnológica que nos constitui, que estão presentes na escola, que dizem da relação com a sala de aula, com os saberes, os conhecimentos, a disciplina, num processo de mão dupla que nos coloca o desafio de discutir a formação docente e o currículo. E, não me afastando da minha trajetória de investigação, penso que o campo das sexualidades e das relações de gênero também está implicado nestes movimentos que envolvem imagens, currículo de História e da Pedagogia e a formação docente. O trabalho com educação está diretamente implicado nas relações de gênero, de maneira que também vamos nos constituindo como sujeitos de “uma” sexualidade. Neste sentido estou interessado também nas relações desses universitários e dessas universitárias com as sexualidades e com as imagens a partir do que está presente ou ausente do currículo de História e da Pedagogia.

Para este trabalho em especial, vou trabalhar somente com os dados coletados por um questionário qualitativo com os alunos e alunas dos sétimos e oitavos períodos da Licenciatura em História. Um questionário respondido por 50 alunos e dividido em duas partes: a formação antes da graduação e a formação na graduação. Nestas duas partes quero trabalhar com duas questões que diziam do trabalho das escolas e da Universidade com as relações de gênero e sexualidades. São elas: “Em algum momento os seus professores de História dos Ensinos Fundamental e Médio vincularam o trabalho da História com as relações de gênero e sexualidade? Em que momento?” e “Em algum momento os seus professores de História da graduação vincularam o trabalho da História com as relações de gênero e sexualidade? Em que momento?”. Trabalhando com a perspectiva foucaultiana,

Realização:



Apoio:



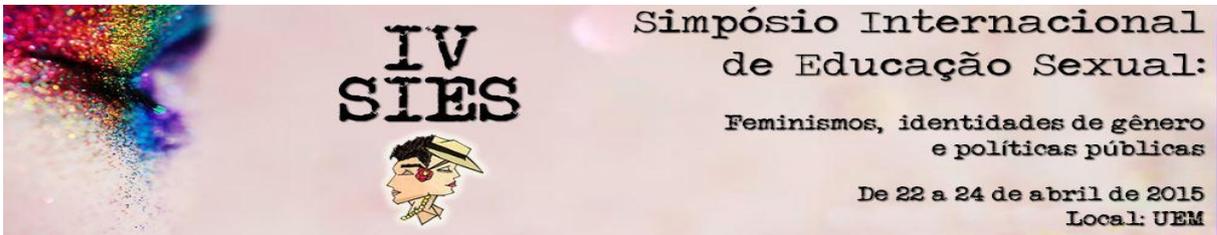
DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:



PlayBook



estou considerando que somos seres discursivos, de maneira que as nossas palavras nos constituem. Neste sentido, a formação não diz apenas do futuro professor de História, mas também revela o investimento num tipo de sujeito. Para sua melhor organização, o artigo será dividido em três partes. Uma primeira dedicada à discussão teórica entre ensino de História, relações de gênero e sexualidade e cultura visual. A segunda e terceira partes serão construídas com o foco nas respostas as duas questões escolhidas.

Ensino de História, Cultura Visual e Relações de Gênero e Sexualidades

Estabelecer relações entre Cultura Visual, Ensino de História, Relações de Gênero e Sexualidades é algo desafiador, embora sejam campos de estudos que se cruzam, sobretudo se pensarmos o cotidiano da sala de aula e as potencialidades que representam para a História o trabalho com as imagens e para a leitura das imagens o olhar da História. Segundo Dikovitskaya (2005) Cultura Visual é tudo aquilo que diz respeito à construção visual podendo ser tanto uma obra de arte quanto propagandas veiculadas na televisão, enfim, o que compõem as imagens do cotidiano. Não se constituindo enquanto disciplina, configura-se como uma área de investigação cada vez mais incluída nos currículos, seja das universidades ou mesmo das escolas, tendo como preocupação central a imagem, entendida como fundamental nos processos de construção dos significados nos contextos culturais. As mudanças ocorridas desde a década de 70 e mais fortemente a partir dos anos 80, com a influência da televisão e dos novos meios de comunicação na vida dos brasileiros (como, por exemplo, o uso do vídeo), fizeram com que professores de História iniciassem discussões e experiências no ensino em articulação com esses “novos” instrumentos e com recursos didáticos mais antigos que foram ressignificados (COSTA & OLIVEIRA, 2007). Contemporânea a essas modificações, os estudos de Cultura Visual emergem também na década de 80,

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:





“no âmbito de um debate que cruza e transcende diferentes disciplinas e produz uma relação entre saberes vinculados a história da arte, aos estudos dos meios, aos estudos cinematográficos, à lingüística e à literatura comparada com as teorias pós-estruturalistas e os estudos culturais” (HERNANDEZ, 2007, p.21)

No Brasil, a produção em torno do Ensino de História pode ser classificada como ampla e diversificada. Exemplos disso são os fóruns de debates específicos para essa área, além da constituição de um grupo de pesquisadoras e pesquisadores dedicados as diferentes temáticas que envolvem esse campo: currículo, formação de professores de História, livro didático, História e novas tecnologias, entre outras. Distanciando-se de uma tradição das universidades brasileiras, o ensino de História, que até a década de 60 não se constituía como área de formação nem tampouco como objeto de estudo e de investigação, foi pouco a pouco ampliando sua área de atuação. Da crítica aos livros didáticos, a incorporação e discussão metodológica dos novos artefatos culturais na sala de aula, as reformas curriculares e o olhar atento ao que ocorria como experiências nas escolas deram origem a um campo de conhecimento inovador e crítico (COSTA & OLIVEIRA, 2007).

O que pretendo demonstrar com essa breve história e com a construção conceitual da Cultura Visual e do Ensino de História, é que ambos são fruto de transformações ocorridas a partir da década de 80, período de expansão da televisão no Brasil e das novas tecnologias associadas a imagens. Mas também um período importante para as discussões e construções do campo das relações de Gênero e Sexualidades. Foi no final da década de 70 e início de 80 que os movimentos feministas e os primeiros grupos gays se organizaram. Dois movimentos que colocavam na pauta de discussão alguns aspectos que constituíam a sociedade brasileira tais como o machismo, o preconceito, a discriminação, a desigualdade entre homens e mulheres e a violência que atingia sobremaneira alguns grupos sociais. Os grupos gays em especial, se organizavam com a ânsia de desconstruir as imagens negativas das homossexualidades e de construir imagens

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:





mais positivas. A escola e os meios de comunicação eram setores que faziam parte destes processos, de maneira que problematizar as relações de gênero e sexualidades que tínhamos e promover novas formas de ser e estar no mundo, passava pelo investimento na formação de educadores e numa política de novas imagens nos meios de comunicação.

Neste sentido, o que me parece importante é perceber esses campos a partir de um ponto de convergência que é o entendimento das suas práticas, discursos, discussões e teorizações como artefatos de linguagem, produções culturais e históricas, enfim como construções e não como verdades. Cultura Visual e Ensino de História seriam parte do que chamamos de Ciências humanas e sociais, entendidas como artefatos culturais. Da mesma forma, as relações de gênero dizem deste processo de construção (SCOTT, 1995), afetando e sendo afetadas pelas Ciências Humanas e Sociais.

A relevância das representações visuais e das práticas culturais para a construção das subjetividades, o papel dessas manifestações para o sentido de infância e juventude, as novas necessidades de educação diante desses movimentos e a importância do “visual” e do olhar na nossa sociedade nos chamam também a “olhar” a sala de aula e nosso trabalho como professor a partir de outro lugar. Neste sentido, o Ensino de História no Brasil é um campo que nos ajuda a pensar essas transformações, a produção de conhecimento e sua vinculação com a Educação e, para além dessas relações, nos possibilita problematizar essas ações, numa aproximação com a perspectiva foucaultiana. Quero pensar o ensino de História e sua vinculação com a contemporaneidade sob inspiração desse autor e de sua “caixa de ferramentas”, especificamente em relação ao conceito de História e buscar aproximações com a cultura visual.

Michel Foucault não era um historiador e negava esse enquadramento. No entanto, não é difícil encontrar referências a História na sua obra. Não somente nos títulos – *História da Loucura*, *História das sexualidades* – o que já nos remete a sua vinculação com esse campo de conhecimento, como também na própria condução

Realização:



Apoio:

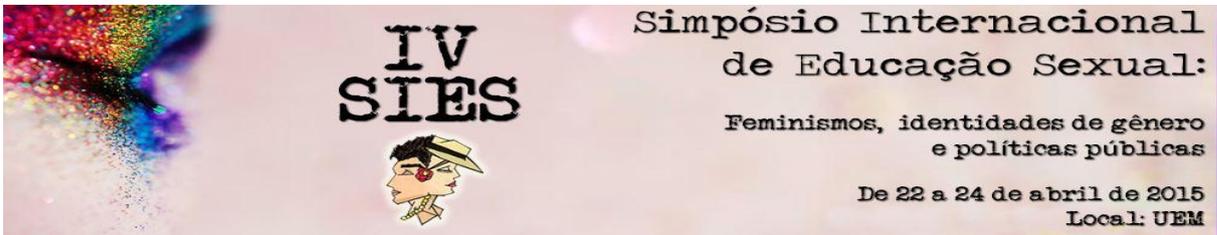


DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:





de suas construções. Assumindo-se como “pirotécnico” estava interessado nas explosões, nos efeitos das suas palavras e na infidelidade que elas poderiam resultar. Dizendo de outra forma, que sua escrita e seu pensamento fossem capazes de fazer pensar para além deles, servissem de inspiração para algo diferente e, como os fogos de artifícios que se apagassem depois de explodir, negando com isso um sentido de verdade absoluta.

Por isso, um conceito que me parece importante para a discussão do ensino de História é o de “problematização”.

Dar um passo para trás é, ao mesmo tempo, uma liberdade para Foucault. É a liberdade de separar-se do que se faz, é o movimento pelo qual alguém se separa do que se faz, de forma a estabelecê-lo como um objeto de pensamento e a refletir sobre ele como um problema... Questionar significados, condições e metas é, ao mesmo tempo, liberdade em relação ao que se faz. É tratar o objeto de pensamento como um problema. Um sistema de pensamento seria uma história de problemas ou uma problematização. Envolveria o desenvolvimento de um conjunto de condições nas quais possíveis respostas pudessem ser propostas. Mas não se apresentaria como uma solução ou resposta. (MARSHALL, 2008, p.31).

Problematização como uma prática de olhar para frente sem, no entanto, dar soluções, mas desconfiar do que está dado, naturalizado, ou seja, transformar em problema o que não nos chama atenção. Investir mais nas perguntas do que nas repostas. Sendo assim, o que interessa para Foucault, quando trabalha na articulação com a História, são as discontinuidades, as rupturas. Discontinuidades que, ao tomarem forma, denunciam as continuidades. Num artigo intitulado “Nietzsche, a genealogia e a história”, Foucault (1998) utiliza-se dos conceitos nietzschinianos para mostrar como o Ocidente moderno inventa a História, acusada de ascética, uma vez que busca encontrar no passado o momento fundante de sua unidade, de sua identidade. Dessa forma, a História foi o elemento ordenador que

Realização:



Apoio:



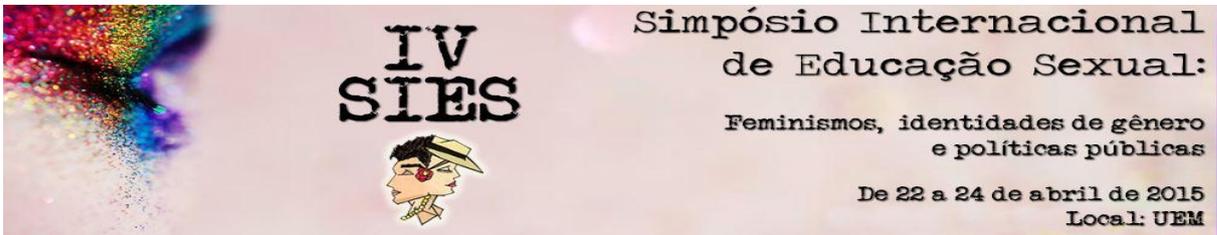
DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:



PlayBook



deu sentido de coesão aos povos e Nações, contribuindo para fazer surgir o ideal ascético do historiador que, seguido pelo discurso científico, forneceram à História, os sentidos de objetividade, Ciência e verdade. Nesta lógica de raciocínio, o historiador era aquele que apenas narrava o ocorrido, fornecendo as origens dos fatos e o próprio fato em si.

O que quero defender aqui é que tanto a visão de História proposta por Foucault, quanto o que os estudos de Cultura Visual propõem é que possamos inventar novas subjetividades, sobretudo com base nas resistências, transgressões e liberdades, rompendo com o dualismo ver/falar, falar/escutar, professor(a)/aluno(a), razão/emoção. O sentido de trabalhar imagens e conhecimentos históricos estaria nas possibilidades que esses campos de problematização abrem para a compreensão do social e cultural que cada um de nós fazemos parte.

Gênero e Sexualidades antes na Escola

Do universo de 50 questionários respondidos, somente 5 alunos identificaram algum trabalho com as relações de gênero e com as sexualidades enquanto estavam na escola. O restante respondia a questão “Em algum momento os seus professores de História dos Ensinos Fundamental e Médio vincularam o trabalho da História com as relações de gênero e sexualidade?” de maneira negativa. Não somente não reconheciam este trabalho, mas não detalhavam as respostas, se limitando a utilizar expressões curtas, como “não”, “nem pensar”, “não que eu me lembre”, “dentro de sala de aula nunca houve esta discussão”. Três das respostas negativas desenvolveram mais seus apontamentos o que nos permite vislumbrar o espaço destinado às discussões de gênero e sexualidades nas escolas e que reforça os achados em outras pesquisas que insistem em afirmar que a escola não está preparada para este trabalho e que, portanto, ele não está presente nas salas de aula. Dizem eles:

Realização:



Apoio:

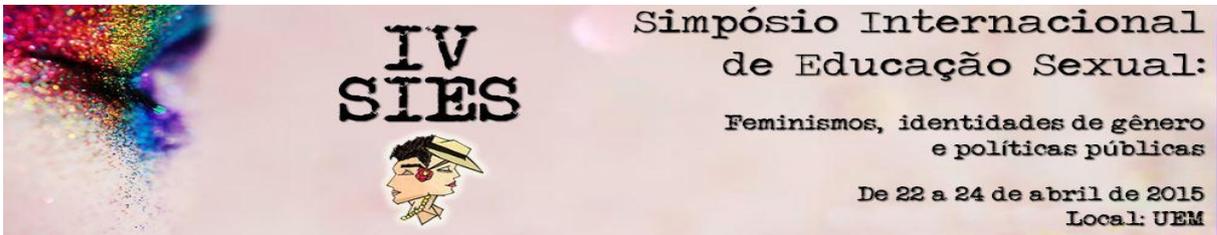


DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:





Não que eu me lembre. Estudei em um colégio muito conservador.

Nunca. Só fui ouvir falar disso na Universidade. Sexualidade era domínio da Biologia.

Esse assunto pouco era abordado, era tido como um tabu em sala de aula.

Um colégio conservador, o domínio da Biologia, um tabu. Três espaços que definem o trabalho com as relações de gênero e sexualidades nas escolas. Trabalhar com essas questões estará sempre vinculado ao tipo de escola que em estamos trabalhando. Há diferentes posturas dos professores e professoras diante de uma escola conservadora ou de vanguarda, se é um colégio confessional ou laico, escola privada ou pública. Os tipos de escolas em que circulamos define o tipo de trabalho que podemos exercer. No entanto, não quero com isso dizer que não há sempre possibilidades de resistências e de busca de brechas em que se possa trabalhar, sobretudo se pensarmos a partir da perspectiva de Joan Scott (1995) que argumenta que a construção de gênero está presente em todos os espaços mesmo que não tenhamos clareza disso. O ensino de História trabalha o tempo todo com as construções de gênero. Se olharmos atentamente para os livros didáticos de História (presença marcante nas aulas) podemos perceber que há uma História de Homens (as mulheres pouco aparecem), Brancos (os negros são tratados somente até o fim da escravidão e somente como escravos), Católicos (outras religiões quando aparecem estão quase sempre vinculadas a um aspecto folclórico) e Heterossexuais (outras formas de sexualidades não são apresentadas). Desta forma, podemos dizer que os professores de História trabalham cotidianamente com a construção de gênero, construindo em suas aulas os lugares de homens e mulheres em que o sujeito histórico é o homem.

Outro espaço definido como “domínio” das relações de gênero e sexualidade é a Biologia. Elas fazem parte do conteúdo programático desta disciplina. Está no livro didático, o que quase obriga o professor a tratar dessas temáticas. A questão é

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:





que o tratamento muitas vezes fica no biológico, na discussão dos hormônios, das fases da vida, modificações no corpo, sem um olhar para o campo dos desejos, atrações, da vinculação com o social, com as identidades sexuais. Trabalhar com as relações de gênero e sexualidade na História é arriscar no óbvio, ou seja, o óbvio é o trabalho na Biologia e não na História. Ao trabalhar na História, em uma disciplina em que os alunos e alunas não esperam, conseguimos estabelecer outra relação que não aquela atravessada pelo discurso pedagógico.

Estou defendendo que esse trabalho me possibilita exercitar um sentido que acredito fundamental quando trabalhamos com a História e quando estamos diante de uma imagem, seja ela de livro didático ou de televisão, de cinema, ou seja, a curiosidade, a dúvida, a transformação, em problema, do que estamos vendo e aprendendo. Neste sentido, começo a puxar dos alunos e das alunas outras informações e o que eles e elas trazem à tona, são suas experiências de leitura de mundo. Desta forma busco problematizar o que é entendido como natural – o amor, as relações afetivas entre homem e mulher, os papéis de gênero – enfim, situações detonadas a partir das imagens e que me servem para outras situações de ensino, num processo de educação mais voltado para as subjetividades do que para o conteúdo. O que eu posso pensar de mim, o que eu posso ler do meu mundo a partir desse ponto de partida da imagem? Como a História me abre novas possibilidades de leitura do que está no livro e do meu mundo em si?

No entanto, não quero ficar na acusação de que nada se faz nas escolas. Quero trabalhar com a perspectiva inversa, ou seja, estou defendendo que todas as escolas trabalham com as relações de gênero e sexualidades (SCOTT, 1995), mas isso não significa um trabalho consciente, deliberado, organizado. As relações de gênero e sexualidades estão presentes cotidianamente nas salas de aula, seja nas relações com os alunos e alunas, nas piadas, apelidos, brincadeiras, atrações, agressões, aproximações, enfim, uma infinidade de possibilidades que também passa pela relação com as disciplinas e conteúdos. Neste sentido me interessa olhar

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:





para as 5 respostas que identificaram um trabalho assumidamente organizado pelos professores e professoras de História.

Assunto tocado muito superficialmente. Apenas em momentos específicos da disciplina como na Idade Média e sua repressão sexual.

Si, esse tipo de trabalho só tive e no ensino fundamental.

Somente com a reprodução de modelos. Havia um programa na escola, se não me engano era um programa do Estado sobre educação sexual e sexualidade aberto para inscrições.

Lembro de um trabalho interdisciplinar com a temática da beleza que buscava trabalhar com o gênero, mas teve como resultado apenas o olhar exterior da temática.

Em poucos momentos. Só me recordo de ter acesso a esta temática no terceiro ano do Ensino Médio, que apenas trabalhou de forma bem restrita a emergência do movimento feminista. Acredito que esta pouca ênfase se deu ao fato do colégio estar vinculado a uma forte tradição religiosa.

As relações de gênero e sexualidade têm história (FOUCAULT, 1988) e vincular esta história aos sentidos que estas relações adquirem na nossa sociedade é uma maneira de entender como foram sendo fixadas as relações entre os gêneros. O trabalho com a História das palavras e, portanto com a história das sexualidades e dos gêneros é ressaltar a importância da História e das Escolas em descobrir diversas possibilidades de ser e estar no mundo nas diferentes sociedades e períodos e, mais do que isso, é problematizar os sentidos destas relações e como elas funcionam na manutenção da ordem social. Esse trabalho nos possibilita pensar o papel da História na construção dos sujeitos históricos, como críticos e capazes de modificar suas histórias. Em todas as respostas positivas não há nenhum aluno ou aluna que foi capaz de identificar os objetivos do trabalho na História, de forma que parecem que mesmo reconhecendo o trabalho, não conseguiram perceber a importância e finalidade dele.

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:



PlayBook



Trazer estas novas temáticas para a História significa investir na redefinição e alargamento das noções tradicionais e dos conteúdos que são historicamente considerados importantes e válidos para estarem nas salas de aula. E esse alargamento pode significar a entrada das experiências pessoais e subjetivas dos alunos e alunas, de forma a despertar a curiosidade, interesse e sentido pelo ensino de História.

Na graduação

Qual a importância de olhar para este processo de formação que vai da escola a graduação? Segundo Tardif (2000) nos constituímos professores antes mesmo de entrar na graduação. Isso porque vivenciamos a escola por longo tempo e assim vamos construindo modelos de ser professor. A questão é que nossas Licenciaturas, muitas vezes, são extremamente conteudistas e esquecem de colocar sob suspeita o modelo de escola, de educação e de professor que temos. Quando os alunos e alunas de História afirmam não reconhecer o trabalho dos professores de História que tiveram nos ensinos Fundamental e Médio, estão em última análise dizendo da formação destes professores. Me parece que estamos diante de dois quadros. Por um lado, os professores não investem na relação entre ensino de História, Gênero e Sexualidades, mesmo que todo ensino esteja atravessado por questões de gênero e sexualidade. Por outro lado, tampouco reconhecem que fazem um trabalho com gênero na medida em que trabalham os conteúdos de História.

Esse quadro parece se repetir na graduação. Somente 8 alunos e alunas responderam que vivenciaram um momento na graduação em que os professores trabalharam questões de gênero e sexualidade:

Realização:



Apoio:

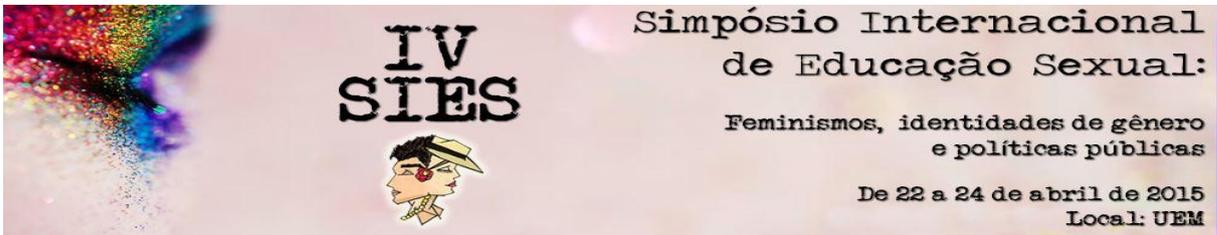


DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:





Sim, no momento em que os mesmos possibilitaram através de suas aulas expositivas uma ampla discussão sobre o tema abordado, fazendo também a análise de imagens que é muito presente no curso de História.

No primeiro semestre com a disciplina de História e interdisciplinaridade.

Sim. Na importância da manutenção dos direitos de todas as pessoas, sem restrições a sexualidade e gênero.

Alguns textos sobre feminismo e mulheres na História, de forma pontual. Os grupos de pesquisa sempre são os grandes espaços de discussão, produção e criação. Se form esperar iniciativas do Departamento de História, esperamos sentados...

Os momentos mais observados foram nas obras históricas e sua demonstração da sexualidade do período e também em alguns momentos em uma temática mais atual em referência com algum acontecimento histórico.

É raro este contato entre História, Gênero e departamento. Quando há, o enfoque é dado somente aos feminismos.

Ao tratarem da expressão da mulher principalmente na contemporaneidade a proposta feminista.

O desafio que estas falas nos coloca diz de uma perspectiva teórica. O que essas falas denunciam é um certo distanciamento entre a experiência masculina e a feminina, visto que o grosso do curso continua a desenvolver uma história masculina em que o homem é considerado sujeito histórico, reservando poucos momentos em que as mulheres são alçadas a esta categoria, quase como uma exceção. Quase sempre a introdução destas novas temáticas são resultado de investimento pessoal de alguma professora que tem como campo de estudo as relações de gênero, ou estudos feministas, sexualidades e que inaugura a discussão através de um grupo de pesquisa, ou disciplina isolada. Outro distanciamento que essas falas revelam diz da conexão entre história passada e história presente e ainda entre as disciplinas da História e as demais que tem que fazer na educação, que diz do ensino de História.

Neste quadro, a possibilidade de continuidade entre a falta de discussão nas escolas e a formação inicial está colocada. No entanto o fato de colocar esta

Realização:



Apoio:



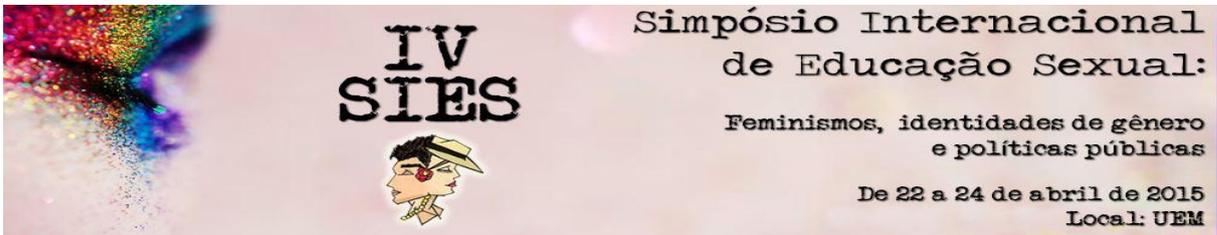
DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:



PlayBook



questão como uma interrogação que diz do curso foi capaz de abrir espaço para que alguns alunos se expressassem diante desta deficiência: *“Nunca vincularam e gostaria muito que fosse mais divulgado palestras e livros sobre o tema por achar que temos uma formação ainda engessada. Não formamos com um conhecimento para os desafios e aprendizados do dia a dia, somos formados para passar conteúdo somente”*. O mais revelador desta é fala talvez esteja na dificuldade do aluno reconhecer que qualquer conteúdo de História diz das relações de gênero, sobretudo se levarmos em consideração que falar de gênero é trabalhar com a ideia de relação, de maneira que ao falar de homens estamos falando também de mulheres e vice-versa. (SCOTT, 1995).

Outras respostas apontam que outros espaços na Universidade estão se dedicando este trabalho com as relações de gênero, como por exemplo a Faculdade de Educação. *“Me lembro bem pouco, mas fiz uma matéria na educação em que o curso falava bastante sobre a sexualidade e gêneros principalmente entre crianças e escola”*. *“Sim, a professora Yara da educação, em Seminário escolar”, “Este assunto somente foi abordado nas matérias da educação, nas quais tratamos o tema de forma crítica e com uma visão de professores sobre o assunto”*. Quando falam do tratamento atribuído a Educação, a presença da escola é marcante, como se as questões de gênero e sexualidades fossem exclusividade deste espaço social. Há um abismo entre os conteúdos da História e o ensino de História que também se reflete quanto olhamos para as relações de gênero e sexualidades, como se fosse atribuição da educação uma vez que é na escola que estas questões ocorrem sobretudo entre os alunos e alunas e nem sempre como um entendimento que gênero e sexualidades são constituídas pela História, atravessam todo conteúdo de História e pode ser uma categoria útil de análise histórica, como aponta Scott (1995).

REFERÊNCIAS

COSTA, Aryana Lima & OLIVEIRA, Margarida Maria Dias de. “O ensino de História como objeto de Pesquisa no Brasil: no aniversário de 50 anos de uma área de

Realização:



Apoio:



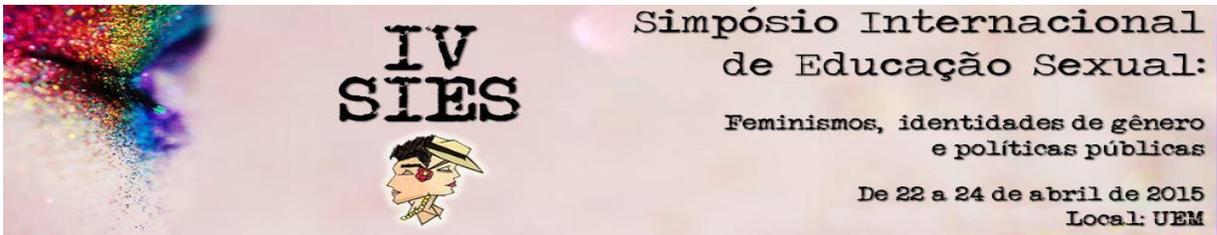
DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:



PlayBook



pesquisa, notícias do que virá". *SAECULUM* – Revista de História (16), João Pessoa, Jan/Jun, 2007.

DIKOVISTSKAYA, Margaret. *Visual culture. The study of the visual after the cultural turn.* Cambridge: MIT Press, 2005.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade I: a vontade de saber.* Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

_____. *Microfísica do poder.* Rio de Janeiro: Edições Graal, 1998.

HERNÁNDEZ, Fernando. *Catadores da cultura visual: transformando fragmentos em nova narrativa educacional.* Porto Alegre: Mediação, 2007.

MARSHALL, James D. "Michel Foucault: pesquisa educacional como problematização". In: PETERS, Michael A. & BESLEY, Tina. *Por que Foucault? Novas diretrizes para a pesquisa educacional.* Porto Alegre: Artmed, 2008.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Revista Educação & Realidade*, Porto Alegre:Ed. UFRGS, n. 20 (2), p. 71-99, Jul/dez. 1995.

TARDIF, Maurice. Saberes profissionais dos professores e conhecimentos universitários. *Revista Brasileira de Educação*,Petrópolis:Vozes, n.13, p.5-24, 2000.

ABSTRACT

GENDER RELATIONS IN THE HISTORY AND PEDAGOGY COURSES: Visual Culture, Teacher Formation, Curriculum and Education

This article is the result of research committed to discussing the formation of teachers in the students of History and Pedagogy courses at UFJF, regarding the work with images and how the relations between visual culture, gender relations and sexuality affect the curriculum and the action in schools. To conduct the study, a qualitative questionnaire was built, in order to understand the relations that tell us about the formation before and after graduation. For this article, we selected two questions that were answered by 50 students of history: "At any moment, did your history teachers of primary and secondary school link the work of history with gender relations and sexuality? At what time? "And" At any moment, did your history teacher at university link the work of history with gender relations and sexuality? At what time? ". From a

Realização:



Apoio:



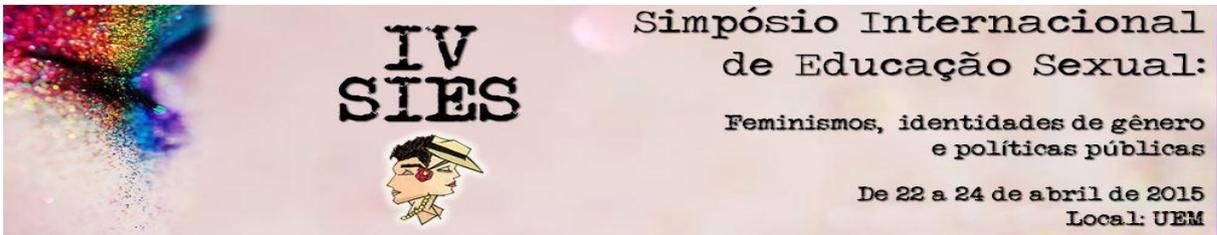
DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:



PlayBook



Foucaultian perspective, we take ourselves as discursive beings, so that our words constitute our selves. In this sense, the formation of teachers does not inform us only about the future teacher of History, but also reveals us an investment in a type of subject.

Keywords: Visual Culture; Teacher Formation; Curriculum; Education.

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de
Teoria e Prática
da Educação



Patrocínio:

